

CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM COMUNIDADES TRADICIONAIS SOB AS LENTES DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Keyrla Krysl Nascimento Chagas ¹
Elda Silva do Nascimento Melo ²

Este trabalho objetiva discutir sobre a necessidade de um olhar mais atento nos movimentos de construção identitária em comunidades tradicionais, onde se presentifica um universo dialógico que atravessa e é atravessado pela história de cada indivíduo. Esse contexto não escolar é fonte de uma alteridade em graus diversos que nos permite reificar as relações comunicativas simbólicas que transitam e respondem no outro e nos outros, nuances constitutivas do ser social. Para essa reflexão sobre identidade nas comunidades tradicionais, propomos um quadro panorâmico de revisão bibliográfica acerca da temática. O estudo será realizado sob as lentes da Teoria das Representações Sociais, que transita entre a subjetividade e a objetividade, campo em que a linguagem é poder (Foucault), na qual a produção do conhecimento é resultante das práticas discursivas do cotidiano. Em conformidade com esse pensamento, Bourdieu (2001) reitera que o habitus é a presença do passado no presente que antecipa o porvir. Para Moscovici (2012), a dimensão do tempo é dialógica, permanece e se reinventa nas fronteiras do ser, tempo e espaço. As assertivas dos teóricos mencionados, que coadunam com o pensamento de Jodelet (2001), nos mostram que a representação social é uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado. Freire (1987), por sua vez, afirma que as pessoas transformam o mundo. Nesse sentido, o trabalho contribui para dar voz a esse público historicamente alijado de espaços e direitos.

Palavras-chave: Representações sociais, Comunidades tradicionais, Construção identitária, Espaço não escolar.

INTRODUÇÃO E OBJETIVO

Este trabalho tem o propósito de provocar uma reflexão sobre a construção identitária das mulheres pescadoras nas comunidades tradicionais sob as lentes da Teoria das Representações Sociais (TRS). A pesquisa busca contribuir para a área de educação e para os estudos sobre Representações Sociais (RS), principalmente por não termos encontrado resultados sobre essa temática. O Brasil, em toda sua extensão, é berçário de mulheres que pescam, que buscam e resistem às dificuldades do cotidiano para continuar com suas tradições pesqueiras. Cada coletivo tem sua

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – RN, keyrla520@gmail.com.

² Pós-doutora em Educação pela Universidade de Valência, Pró-reitora de Graduação da UFRN, professora do PPGED e do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo do Centro de Educação (UFRN), elda.nascimento@ufrn.br.

essência, algo que o particulariza. No Nordeste, há uma presença forte de pescadoras artesanais, uma tradição que tem marcado muitas gerações de mulheres. Precisamos ressaltar os valores imensuráveis desse conhecimento social em questão, por isso propomos tal estudo, com viabilidade continuada, por ser tão plural e pela possibilidade de atravessar fronteiras ainda inexploradas.

A Teoria das Representações Sociais (TRS) é a forma de pensar das relações cotidianas sociais, que se processam primeiramente no cognitivo, de um ser mestiço, fronteiriço e inacabado, aquele que está literalmente à margem: as pescadoras artesanais. Para melhor compreensão do estudo, foi realizado um levantamento bibliográfico, no banco de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no intuito de mapear a produção de trabalhos voltados para a temática da RS de pescadoras em suas comunidades tradicionais. Durante esse processo, tivemos dificuldade de encontrar trabalhos relativos a essa temática, o que nos sugere a necessidade de realizar uma pesquisa referente à construção identitária da pescadora artesanal.

Em nosso levantamento bibliográfico foram encontrados 12 trabalhos acadêmicos (teses e dissertações), utilizando os descritores pescadoras OR pescadores; representações sociais; construção identitária, comunidades tradicionais. Realizou-se associações de descritores com a finalidade de atender aos objetivos da pesquisa e refinar a busca, entretanto, ao associarmos os descritores pescadoras AND representações; pescadoras AND comunidades tradicionais; pescadores AND espaço não escolar, não foram reportados trabalhos que tratassem especificamente da temática.

Diante disso, o presente artigo tecerá aproximações teóricas com os trabalhos encontrados que subsidiem a reflexão proposta neste estudo.

METODOLOGIA

Este artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica com abordagem exploratória em que foram pesquisadas teses e dissertações no portal de periódicos da CAPES. Segundo Gil (1991), a pesquisa exploratória tem por objetivo familiarizar o pesquisador com o problema objeto da pesquisa, para permitir a construção de hipóteses ou tornar a questão mais clara.

Ainda conforme o autor supracitado, a pesquisa bibliográfica, por sua vez, possibilita o aporte de bases teóricas ao pesquisador, auxiliando-o no exercício reflexivo e crítico acerca do seu objeto de estudo, aguçando em um primeiro momento a curiosidade do pesquisador e despertando inquietações sobre o tema a ser tratado.

Realizou-se associações de descritores com a finalidade de atender aos objetivos da pesquisa e refinar a busca, todavia, ao associarmos os descritores: pescadoras OR pescadores; representações sociais; construção identitária, comunidades tradicionais pescadoras AND representações; pescadoras AND comunidades tradicionais; pescadores AND espaço não escolar, não foram reportados trabalhos que tratassem especificamente da temática. Notamos que a representatividade da mulher pescadora nos estudos acadêmicos, em termos quantitativos, ainda é inexpressiva. As mulheres pescadoras dificilmente aparecem em títulos; será que elas estão incluídas no corpo do texto desses trabalhos? Muitas são as questões em torno dessa inexpressão. Em prosseguimento a esse trabalho, aprofundaremos a pesquisa sobre a temática.

A construção identitária atravessa a história e o corpo dessas mulheres, por isso

as representações sociais estão na história e têm uma história: evoluem na medida das mudanças intervenientes nos modelos culturais, nas relações sociais, nas circunstâncias históricas que afetam os contextos em que se desenvolvem, nos agentes que as forjam a partir de sua experiência e de sua inserção em uma rede de vínculos sociais e intersubjetivos (Jodelet, p. 27, 2017).

Em consonância com o pensamento de Jodelet (2017), façamos uma alusão ao cotidiano das pescadoras, de uma visibilidade invisível, ou seja, elas estão ali em seu trabalho, mas muitas vezes, não aparecem, de uma voz, aparentemente enfraquecida, no entanto, figura marcante em seus lares e comunidades. A pesca é uma atividade valorada, carregada de cultura e tradição, seja pescando peixe, siri, caranguejo, marisco, seja tratando o pescado, como as tratadeiras do município de Caiçara do Norte, município do rio Grande do Norte. Elas são reconhecidas pelos pescadores? E por elas mesmas? O reconhecimento de si é o real fortalecimento da identidade de uma pessoa e base no processo de construção identitária de um coletivo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os trabalhos obtidos a partir da pesquisa estão organizados no quadro a seguir.

Quadro 1 – Artigos obtidos a partir da base de dados CAPES

Nº	Natureza	Título	Autor	Objetivo	Ano
1	Tese	Representações sociais da educação do campo: formação e identidade docente	DIAS, Alessandra Cabreira	Estudar as Representações Sociais, sobre o professor do campo, pelos licenciandos matriculados no Programa de Licenciatura em Educação do Campo (Procampo), no Pará. Campo disciplinar: Desenvolvimento Humano, Identidade e Formação.	2014
2	Dissertação	A construção identitária da mulher campezina na contemporaneidade	CORRÊA, Ozamar.	Analisar os desafios da construção identitária da mulher campezina na contemporaneidade. Campo disciplinar: Educação	2021
3	Dissertação	Tecer redes, tecer histórias: as experiências de vida e trabalho das pescadoras em Ilhéus – BA, 1980-2007	ANDRADE, Fabiana.	Trabalho anterior à Plataforma Sucupira. Campo disciplinar: História	2010
4	Dissertação	Comunidade tradicional de pescadores e pescadoras artesanais da vila do Superagui –PR na disputa pela vida: conflitos e resistências territoriais frente à implantação de políticas públicas de desenvolvimento	PÉREZ, Mercedes.	Anterior à Plataforma Sucupira. Campo disciplinar: Geografia	2012
5	Tese	Viver de tudo que tem na maré: tradições, memórias de trabalho e vivências de marisqueiras em Ilhéus, BA, 1960-2008	BLUME, Luiz.	Anterior à Plataforma Sucupira. Campo disciplinar: História	2011
6	Dissertação	Representações sociais sobre saúde e doença de pescadores e marisqueiras nos distritos de Diogo Lopes, Barreiras e Sertãozinho – Macau – RN	SILVA, Arkeley.	Analisar as Representações Sociais no discurso do pescador artesanal e da marisqueira nesse ambiente pesqueiro, sócios ativos e cadastrados no período de 2008 a 2011 na Associação Colônia de Pescadores Z-41. Campo disciplinar: Ciências Sociais	2013
7	Dissertação	Nas marés da vida: histórias e saberes das mulheres marisqueiras	DANTAS, Vanda.	Anterior à Plataforma Sucupira Campo disciplinar: Ciências Sociais	2010
8	Tese	Vozes da maré: extensão popular e a população marisqueira de Cabedelo – PB	LIMA, Bruna.	Estudar o Curso de Capacitação para Marisqueiras de Cabedelo, promovido em 2007 pelo CACC. O trabalho não possui divulgação autorizada. Campo disciplinar: Educação	2019

	Dissertação	Lugar de mulher é na pesca: o olhar de uma marisqueira em Farol de São Thomé, Campos dos Goytacazes, a partir do PEA Pescarte	BRITO, Mônica.	Analisar as transformações sociais ocorridas na vida de uma marisqueira, que participa, ativamente, das ações do Projeto de Educação Ambiental Pescarte no RJ. Campo disciplinar: Educação Agrícola	2019
10	Dissertação	Da casa à escola, da escola à maré: representações femininas acerca da família e da educação formal na comunidade pesqueira de Acupe (Santo Amaro – Bahia)	Andrade, Claudia Cristina Santos de	Anterior à Plataforma Sucupira Campo disciplinar: família na sociedade contemporânea	2007
11	Dissertação	Representações sociais e qualidade de vida: o olhar das marisqueiras do Mambape (Ilhéus – Bahia) acerca do local onde residem e trabalham	Gresik, Karla Rocha Carvalho	Anterior à Plataforma Sucupira Campo disciplinar: Desenvolvimento Regional e Meio ambiente	2009
12	Tese	Os peixes, a pesca e os pescadores da reserva de desenvolvimento sustentável Ponta do Tubarão (Macau-Guamaré, RN)	Dias, Thelma Lucia Pereira.	Anterior à Plataforma Sucupira Campo disciplinar: Ciências Biológicas	2006

Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

Foram encontrados trabalhos muito interessantes e correlatos a nossa temática, no entanto, alguns feitos antes da Plataforma Sucupira e um, em especial, não teve divulgação autorizada, por esses motivos não pudemos acessá-los.

Percebemos que são poucos os olhares para as comunidades tradicionais de pescadoras no Brasil. Ainda é modesta a produção de conhecimento na área em questão. Os campos disciplinares que tratam da temática são em sua maioria: Ciências Biológicas, Meio Ambiente, Ciências Sociais, Geografia, História e saúde; pouquíssimos são os trabalhos na área de Educação voltados a essa temática.

Os trabalhos que mais se aproximam da nossa temática são a tese de Alessandra Dias e a dissertação de Ozamar Correa, ambas as pesquisas abordam a construção identitária, porém falam dos acadêmicos em processo de formação e mulheres do campo. A tese mostra que o programa ProCampo foi a base do estudo da investigação nas Representações Sociais da Educação do campo com as experiências docentes dos licenciados em formação e o modo que interferem na (re)construção identitária dos sujeitos. Já a dissertação versa sobre mulheres do campo em busca de sua identidade e da valorização da sua existência na sociedade. A dissertação de Arkeley Silva buscou compreender a representação social dos

pescadores e marisqueiras no ambiente em que vivem, fazendo um paralelo entre questões de saúde e questões sociais.

Um achado importante foi o artigo intitulado “Nas marés da vida: histórias e saberes das mulheres marisqueiras”, apresentado no evento Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, que detalha a pesquisa de Vanda Dantas, sendo esta anterior à Sucupira; o artigo, cujo título é igual ao da sua dissertação, nos permitiu entender que se tratava de histórias de vida de marisqueiras, em Indiaroba, no estado de Sergipe, nas comunidades ribeirinhas, banhadas pelo rio Real, divisa com o estado da Bahia, cujas populações vivem da pesca e da mariscagem. A tese de Bruna Lima não tinha divulgação autorizada, o resumo diz que foi analisada a capacitação para as marisqueiras de Cabedelo na Paraíba, em 2007, verificando os aspectos da educação popular. A dissertação de Mônica Brito procurou compreender como a prática pedagógica do PEA Pescarte modificou a vida de uma pescadora, em particular. As dissertações de Claudia Andrade e Karla Gresik e a tese de Thelma Dias foram trabalhos anteriores à Plataforma Sucupira.

As comunidades tradicionais femininas são fonte cultural, base da identidade de uma nação. Sabemos que elas existem, mas onde existem? Como existem? E a construção identitária dessas comunidades? Onde estão as produções do conhecimento sobre elas: as pescadoras artesanais?

O atravessamento do ser em sua própria história, em sua vivência, nas vivências de suas ascendentes, trazidas pelas marés do grande tempo, numa historicidade que pode reverberar em concretude ideológica, refletindo um reconhecimento de identidade, é “a compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa [...]” (Bakhtin, 2000, p. 291). Pesquisar sobre esse coletivo nos faz enxergar nossa própria essência do ser mulher, e nos instiga a um escrutínio minucioso sobre o cotidiano delas e suas tradições.

Para Moscovici (1978, p. 58), “[...] representar uma coisa, um estado, não consiste simplesmente em desdobrá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo; é reconstitui-lo, retocá-lo, modificar-lhe o texto”. Em conformidade com a assertiva, podemos trazer esse pensamento para a nossa investigação, pois as tradições das pescadoras existem, é o conhecido, parte do todo; as representações dessas mulheres são a construção de uma identidade que não se conhece, está em constante inacabamento, em um movimento dialogal entre o eu e os outros. O dito, o vivido e tudo que acontece

no cotidiano, é preche de resposta em mim, no outro e nos outros.

De acordo com Bakhtin (2016, p. 161), “O enunciado não está voltado só para seu próprio objeto, mas também para os discursos do outro sobre esse objeto”. Seguindo esse pensamento, podemos entender que as relações dialógicas são pontes de reverberações entre as pessoas no presente e no futuro. O presente artigo propõe uma reflexão sobre a necessidade de mais literatura sobre o tema abordado. Em face do exposto, mencionaremos duas comunidades e um movimento que possibilita uma elocubração mais sensível perante o imagético. As comunidades de Maxaranguape e Ipanguçu, no RN, têm mulheres que pescam, na água salgada e na água doce. No Rio Grande do Norte, há muitas comunidades de pescadoras, investigaremos mais profundamente nos próximos estudos.

Figura 1 – Pescadoras de Maxaranguape



Fonte: Acervo das autoras (2024).

As pescadoras de Maxaranguape fazem parte da Colônia Z-15, cuja presidente é uma mulher: Jadeir Regina do Nascimento. Mulheres que amam pescar, a alegria é notória em seus rostos, elas se reúnem com frequência para pescar em grupo. O lugar tem uma natureza exuberante. Onde as vozes do passado refletem no presente, o novo é gerado, atravessado pelo olhar de como a pessoa vê o mundo, de como ela percebe o universo social em que está inserida; “[...] O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante dos seus próprios olhos [...]” (Foucault, 1999, p. 49). Analogamente, esse rebento é a própria Representação Social.

Marília pesca na lagoa da Ponta Grande, em Ipanguaçu, uma lagoa muito importante para a cidade, pois é desenvolvida uma agricultura de vazantes, onde os animais tomam água. Outro local de pesca onde também tem mulheres atuando é o Açude Pataxó. As pescadoras pescam Tilápia, Curumatã, Tucunaré, Traíra e camarão. A colônia é a Z-47, fundada no dia 08 de abril de 2001, tem como presidente Doel Soares da Costa e como secretária Márcia Maria Barbosa sobrinho, no momento, presidente interina da colônia.

Figura 2 – Pescadora de Ipanguaçu



Fonte: Pescadora Marília Eunice da Costa.

Destacamos “[...] que as representações sociais – enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais” (Jodelet, 2001, p. 22). O processo de construção do pensamento está presente nas práticas discursivas no cotidiano, que é onde as identidades se formam; a TRS é a produção de conhecimento resultante dessas práticas. Hall e Woodward (2012, p. 17-18) asseveram que “A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito”.

O corpo é território político, que é expressado na imagem e no verbo, nesse universo dialógico dos povos tradicionais de pescadoras, o que elas pensam sobre sua história, a travessia do tempo vislumbrando seus ascendentes, a continuidade dessa tradição passada de geração para geração; corpo é território mas também é

pensamento, esse corpo interior é amálgama, reconstruindo realidades, lugar de construção identitária.

Em conformidade com esse pensamento, Vilodre (2012, p. 39) afirma que “a individualização das aparências produzida a partir da valorização por vezes exacerbada da imagem transformada em performance tem levado os indivíduos a perceber que o corpo é o local primeiro da identidade [...]”.

Ora, se o corpo é local primeiro de identidade, o reconhecimento de si é fulcral para a construção identitária de um coletivo. Dessarte, o empoderamento desses indivíduos é dar voz ao que na essência já grita em alma. Quando o indivíduo se empodera, é porque houve o sentimento de pertença de si, do outro e dos outros; então as relações dialógicas se efetivam e o processo de transformações sociais acontece depois da ideação, na consciência, o interno; respondendo nessas interações, ou seja, em sociedade, no externo. Diante disso, é pertinente ressaltar a reafirmação da identidade que está sempre em movimento. Mais do que uma luta pela atividade pesqueira, é a luta de gênero, que marca sua história de vida e trabalho.

Um sobrevoo necessário sobre essas comunidades e movimento para que entendamos que as mulheres se agitam nas margens e precisam ser melhor visibilizadas e ouvidas. Na prática, precisamos considerar o ato responsável (Bakhtin, 2012) de possibilitar que as vozes dessas mulheres possam ser ouvidas por todos.

Nesse sentido, temos um grande exemplo de movimento que está agitando as águas do universo dessas mulheres pescadoras, o projeto MUDEM – Mulheres construindo jornadas de luta para defesa dos maretórios no RN, sua representante legal é Joane Luiza Dantas Vieira Batista. É um projeto da organização Manguemar, apoiado pelo Fundo Casa Socioambiental, cuja organização parceira é a Oceânica, atuante na regularização dos territórios da pesca. Quem muito contribuiu para o entendimento da significância do projeto MUDEM foi a pesquisadora Moema Hofstaetter do LISAT/UFRN, do Observatório da Energia Eólica da UFC, colaboradora do SAR e do Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Socioambiental – RN. O MUDEM é um projeto que já toma corpo de um grande movimento feminino em defesa dos maretórios, os corpos que se fizeram e estão em constante crescimento, unificando em um só grande corpo: o das mulheres das águas.

Figura 3 – Pescadoras do RN defendem seus maretórios em audiência pública



Fonte: SAIBAMAIS (2024).

Essa audiência pública foi resultado do trabalho de empoderamento para essas mulheres. O direito de voz foi exercido, como mulher e pescadora nesse espaço não escolar. Tal acontecimento faz-nos recorrer às postulações de Freire (1987, p. 44):

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar.

Todas essas pescadoras reunidas para esse evento, para formar um só corpo, é a marca de uma representação social real que se dá no mundo real, nas realações do cotidiano. Há vivamente um diálogo com a construção identitária das comunidades tradicionais que propicia um universo transformador; *o eu e o outro*, em sua heterogeneidade, agregam valores múltiplos que implicam em todas as áreas da vida. Se uma pescadora melhora sua autoestima adquirindo saberes para ter mais renda e conhecimento, seu filho terá condições de vislumbrar a continuação de seus estudos, por exemplo; o pescador, da mesma forma. A arte de pescar juntamente com o saber é um movimento, por si, libertário.

Há uma visão construcionista quando

a compreensão não repete nem dubla o falante, ela cria sua própria concepção, seu próprio conteúdo; cada falante e cada compreendedor permanece em seu próprio mundo; a palavra faculta o direcionamento, o vértice do cone. Por outro lado falante e compreendedor jamais permanece cada um em seu próprio mundo; ao contrário, encontra-se num novo, num terceiro mundo, num mundo dos contatos; dirigem-se um ao outro, entram em ativas relações dialógicas (Bakhtin, 2016, p. 113).

Espaços não escolares produzem sim conhecimento. É imperioso dizer que um sujeito empoderado, a sua voz torna-se audível para ele mesmo; e nessa construção identitária cujas tensões do enunciado vivo dentro das relações dialógicas, onde o sujeito se só se constitui com o outro, encontramos o novo: a produção de conhecimento. Nesse momento não há mais lugar para o silêncio, não se pode mais calar quem poderá transformar a realidade: a mulher pescadora.

Para Moscovici (1978, p. 58), “[...] representar uma coisa, um estado, não consiste simplesmente em desdobrá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo; é reconstitui-lo, retocá-lo, modificar-lhe o texto”. Em conformidade com a assertiva, podemos trazer esse pensamento para a nossa investigação; pois as comunidades tradicionais das mulheres pescadoras existem, é o conhecido, parte do todo. As representações dessas mulheres são a construção de uma identidade que não se conhece, está em constante inacabamento, em um movimento dialogal entre o eu e os outros.

De acordo com Bakhtin (2016, p. 161), “O enunciado não está voltado só para seu próprio objeto, mas também para os discursos do outro sobre esse objeto”. Seguindo esse pensamento, podemos entender que as relações dialógicas são pontes de reverberações entre as pessoas no presente e no futuro. O dito, o vivido e tudo que acontece no cotidiano, é prenhe de resposta em mim, no outro e nos outros.

Segundo Jodelet (2001, p. 22), a representação social “[...] é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Há uma nuance de demarcação de poder e construção de identidade muito presente nesse movimento, numa fluidez líquida (Bauman, 2001), onde a pessoa em comunicação com o grupo ressignifica sua realidade, estando ela em constante inacabamento.

Em consonância com essa reflexão, Volochinov (2017, p. 233) diz que “A dinamicidade da produção de sentidos constitui o motor das mudanças sociais, às vezes lentas, às vezes rápidas porque aponta para um constante devir, um constante estado de incompletude”. As comunidades tradicionais em seus espaços não escolares fortalecem suas identidades construindo conhecimento a partir de seu reconhecimento identitário, valorando seus saberes e defendendo seus territórios. Território que atravessa e é atravessado pelo seu próprio corpo.

A Teoria de Representações Sociais surge para dar conta de estudos no campo social que outras áreas não conseguem, não é por que a TRS estuda apenas a ideação, mas ela investiga o processo de construção do pensamento, e o significado do falado e o não falado, pois a teoria é a forma de pensar das relações cotidianas sociais, que se processam primeiramente no cognitivo, de um ser mestiço, fronteiro e inacabado; unindo o racional (estratégias para processos de análises, levantamento de dados) e o pensamento, pensado ou em processo, mesmo que não tenha a consciência do seu movimento. Pensar nas mulheres pescadoras, é pensar na essência desse movimento, que deságua nas margens: comunidades tradicionais de pescadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grande inquietação inicial e que nos gerou o desejo de fazer este trabalho foi a necessidade de mais literatura sobre o tema construção identitária das comunidades tradicionais de pescadoras. É de grande valor cultural e social dar voz às margens, contribuir para que o invisível se torne visível, por meio da pesquisa. Sabemos que as transformações acontecem na ruptura, no desfragmentar pós-embate, dentro das relações dialógicas no coletivo; um coletivo bem perto de todos: em todo território brasileiro. Onde tem água, tem pescadora.

Qual o nosso lugar no mundo? Podemos mudá-lo por meio de ações cotidianas? Somos sujeitos fronteiros, fragmentados e inacabados. Nosso lugar é na fronteira, a fronteira que liga e agrega, soma e multiplica, não no sentido de cópia, mas de infinitas possibilidades. Se podemos mudar o mundo? Podemos, sim! Paulo Freire, que fazia educação para o povo, provou que podemos mudar o que quisermos! Será que em uma comunidade simples haverá um olhar responsivo? A audiência pública, mostrada na Figura 3, diz que sim.

O processo de construção do pensamento está presente nas práticas discursivas no cotidiano, que é onde as identidades se formam. O próprio processo de construção identitária, que está presente no individual e no coletivo marcado por uma representatividade quando

o sujeito se insere em uma comunidade concreta e simbólica, embora não esteja condenado a simplesmente reproduzir essa realidade. O indivíduo está constantemente elaborando uma tensão entre o mundo e seus próprios esforços para ser um sujeito (Chagas, 2017, p. 33).

Essa tensão, abordada pela autora, é que se visualiza a representação de um coletivo, a representação social. Ela é do ser mulher e do ser mulher pescadora, que representa uma comunidade tradicional. Não podemos romantizar as dores dessas mulheres, a atividade é dura, ao final do dia corpos marcados pela luta de sua sobrevivência; a alegria e o amor elas pescam, muitas vezes seus filhos estão nas margens, brincando, participando também da atividade. Essas mulheres são geradoras de vida e, reafirmando, vão se constituindo por suas vivências, entre dores e alegrias, elas se fazem mulheres pescadoras, imersas nas águas, movimentam-se.

Em um universo carregado pela presença masculina, a mulher pescadora tem dificuldade de visibilidade, essa marcada também pela questão do gênero, na construção identitária do grupo, existe também uma construção e reafirmação identitária individual. Ademais, essas construções e reafirmações de identidade são vividas e se constituem de modo simultâneo em uma relação dialética; havendo produções de sentido, que acontecem nas relações cotidianas, como, por exemplo, numa simples pesca em grupo; as ideias chegam de gerações passadas, ressignificando-se no presente, onde o sujeito se constitui com o outro, refletindo e refratando no mundo da vida. Um universo sociológico é constituído por elas e elas também o constituem.

A ideação vem do corpo interior que enseja em ações no mundo exterior, as ações partem dessa compreensão de mundo, tudo que acontece fora se constrói na consciência. Dessarte, “[...] a compreensão das representações sociais em sua relação com as práticas sociais e a dimensão da mudança é abordada sob a perspectiva da prática social como um estilo de comportamento” (Dos Santos; Melo, 2023).

Há um poder de transformação social relevante na construção identitária dessas comunidades tradicionais, o conhecimento do cotidiano passa pelos afetos e caminha para a afetação de si e do outro, diante de um saber que circula socialmente para eclodir em uma voz, a voz das águas.

Dialogar sobre a importância do olhar mais atento para registrar as construções identitárias das comunidades tradicionais de pescadoras é vital para que possamos nos compreender enquanto sociedade. A voz do som das águas é a essência de um coletivo, é nossa própria essência. A realidade das comunidades tradicionais de pescadoras é uma realidade singular, e cada comunidade tem a sua; os centros de valores são irrepetíveis e se constroem na subjetividade das relações vividas no

cotidiano. Esse centro de valor, que é a pescadora, vive numa realidade concreta se constitui com outros centros de valores, formando um só corpo.

Não podemos dissociar as subjetividades inerentes ao ser e corpo, eles coabitam porque somos seres dialógicos. O estudo buscou provocar inquietações sobre a temática e mostrar a necessidade de aprofundamento sobre as comunidades tradicionais, que são nossa própria origem. Como entender uma sociedade se não compreendermos e apreciarmos sua origem? A identidade de um povo é sobremaneira a alma de uma sociedade.

REFERÊNCIAS

SAIBA MAIS. Pescadoras do RN defendem seus maretórios em audiência pública. Disponível em: <https://saibamais.jor.br/2024/03/pescadoras-do-rn-defendem-seus-maretorios-em-audiencia-publica/>. Acesso em: 10 out. 2024.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas de edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, P. [1930] *Meditações pascalinas*. Tradução de Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CAPES. Catálogo de teses e dissertações. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

DOS SANTOS, C. R.; MELO, E. S. do N. Que papel desempenha a educação para o desenvolvimento sustentável na formação docente. *Creativity and Educational Innovation Review*, v. 1, p. 65-76, 2023.

CHAGAS, K. K. N. *Por uma educação sensível: brincar, criar e sentir*. Curitiba: Appris, 2017.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1967.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.



I CONGRESSO
AMAZÔNICO
DE PEDAGOGIA
INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO
QUALIDADE NO ENSINO

FUNDO CASA SOCIOAMBIENTAL. Projetos selecionados: Chamada Transição energética justa e fortalecimento da pesca artesanal. 18 jul. 2024. Disponível em: <https://casa.org.br/projetos-selecionados-chamada-transicao-energetica-justa-e-fortalecimento-da-pesca-artesanal>. Acesso em: 10 out. 2024.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1991.

HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: Jodelet, D. (ed.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 17-44.

JODELET, D. *Representações sociais e mundos de vida*. Tradução de Lilian Ulup. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Curitiba: PUCPress, 2017.

LOURO, Guaracira L.; FELIPE, Jane; GOELLER, Silvana V. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOSCOVICI, S. *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.